

239314

## Recursos Didáticos - Para quê?

Mônica Apolônio da Silva ✱

### Resumo

*O presente artigo pretende discutir a relevância dos recursos didáticos no ensino voltado à formação da cidadania. Inicialmente, procura-se traçar um breve percurso histórico da educação, em diversas sociedades, enfocando a relação entre a sociedade, a educação e o tipo de homem a ser formado em dado momento histórico. Com uma rápida caracterização das principais correntes da pedagogia atual, adota-se a perspectiva progressista, em que os recursos didáticos são utilizados apenas em função da apropriação crítica do conhecimento científico pelo aluno.*

No início do trabalho com a disciplina Recursos Didáticos, em cursos de licenciatura, fazíamos diversas indagações a respeito da importância dos mesmos para a formação de professores. De acordo com o perfil pedagógico do cidadão que queremos formar no Cefet-PR seria necessário, além da preparação técnica, um ensino voltado para a formação da cidadania. Os profissionais da educação, atuais estudantes das licenciaturas, além de cidadãos, deverão, a nosso ver, trabalhar pela formação da cidadania junto aos seus futuros alunos. Neste sentido, perguntávamos: A utilização de recursos didáticos faz alguma diferença num ensino para a cidadania? Eles seriam um auxílio ou um empecilho para este tipo de prática educativa?

Perceba que, para responder às questões acima, precisávamos compreender historicamente a educação e, assim, explicar o real significado do uso de recursos didáticos na educação atual. Isso nos possibilitaria avaliar sua possível utilização na perspectiva acima mencionada.

Como ponto de partida, entendemos que seria necessário explicitar o suporte teórico que seria utilizado na análise que empreenderíamos. Por isso, dedicamos algumas aulas ao estudo de pressupostos básicos do materialismo dialético, além de um trabalho bastante objetivo a respeito da importante superação do senso comum numa instituição de ensino superior. Para lidarmos com

conhecimento científico, sistemático, metódico, é fundamental que nos livremos das interferências malélicas do conhecimento popular, assistemático, que inviabiliza uma análise teoricamente coerente da realidade.

Entendendo que o homem é um sujeito histórico, que se desenvolve e elabora suas idéias a partir de determinadas condições de existência, passamos a realizar um percurso histórico para construirmos a compreensão do tipo de relação existente entre a sociedade, a educação e o homem de cada sociedade. Assim, começando pelos gregos, passando por diferentes momentos da Antiguidade e pela Idade Média, chegamos ao Mundo Moderno, em que se encontram as bases sobre as quais se formaram a sociedade e a educação contemporâneas.

Neste percurso podemos perceber que cada sociedade, com suas características peculiares, necessita de um "tipo" ou ideal: de homem adequado a estas mesmas características. Por exemplo, a sociedade feudal, hierarquizada e dogmatizada, só poderia desejar homens crençantes, fiéis aos seus senhores, subservientes, abnegados e ascetas, para preservá-la. Formar estes homens através de idéias condizentes com a prática vivida por eles, foi tarefa cumprida pela Igreja, reconhecemos, com maestria.

Com a transformação para o modo capitalista de produção, as exigências se alteraram profundamente e os homens que saíram dos feudos para arriscar nos "negócios", produzindo por conta própria, começaram a valorizar, não mais a abnegação, mas o espírito empreendedor, o homem

essencialmente trabalhador, um “fazedor” de produtos. A vida de penitências e orações foi substituída pela vida ágil, carregada de preocupações com a materialidade, com a produção. Terminaram as divagações sobre a vida eterna e iniciou-se a busca da melhoria das condições da vida terrena, o que implicava a urgência da formação de homens cada vez mais habilidosos e laboriosos, e que seria, mais tarde, o grande compromisso da escola pública.

A partir dessa análise, foi-nos possível compreender o idealismo presente na visão de que a educação pode, por si só, alavancar as modificações de que a sociedade necessita, a partir da formação de um “novo” homem. Concluímos, ao contrário, que a educação está sempre comprometida com a sociedade de “seu tempo”, formando os homens necessários para conservá-la, já que a educação é apenas uma das práticas sociais presentes numa determinada sociedade, refletindo fielmente sua imagem.

Depois de estudarmos alguns traços da Revolução Francesa, enquanto momentos de configuração da sociedade burguesa, dos seus princípios e objetivos, foi possível captarmos com clareza as características da sociedade atual e até mesmo a classificação feita por Libâneo (1985) das Pedagogias Liberal e Progressista. Enquanto a primeira é absolutamente coerente com o modo de produção capitalista, buscando sua manutenção de forma acrítica; a segunda baseia-se na crítica a esta mesma sociedade e propõe uma educação que, visando à superação desta forma de organização social, paute-se na crítica do capital e invista na formação do cidadão que construirá uma nova sociedade.

Ao nos determos no texto de Libâneo, notamos que para a Pedagogia Liberal a educação deve atuar no sentido do aperfeiçoamento da ordem social vigente, promovendo o aperfeiçoamento individual, já que o social é entendido como uma extensão do individual; o indivíduo bem preparado insere-se positivamente no meio social dado e jamais questionado.

A Tendência Liberal Tecnicista, como uma das tendências da Pedagogia Liberal, subordina a educação à sociedade, compreendendo que a função da escola é a preparação de recursos humanos, o treinamento de alunos aos comportamentos de ajuste às exigências econômicas, sociais e políticas da sociedade industrial e tecnológica. Nesta tendência, o essencial não é o conteúdo da realidade, mas as técnicas de descoberta e aplicação, pois o conteúdo do ensino é reduzido ao que é mensurável e observável. Baseando-se na concepção de aprendizagem como mudança de compor-

tamento (Behaviorismo) e com o objetivo de obter o comportamento adequado pelo controle do ensino, o professor, meramente técnico, utiliza a tecnologia educacional (e os recursos didáticos, em geral) para a operacionalização dos objetivos instrucionais preestabelecidos.

No intuito de assumirmos a Pedagogia Progressista como opção metodológica, já que esta pedagogia é baseada no materialismo dialético e empreende uma crítica radical dos fundamentos sociais da educação, enfatizamos que “o processo de transmissão/assimilação se dá pela relação dialética entre os conteúdos culturais sistematizados e a experiência concreta trazida pelo aluno”. Ou seja, opomo-nos radicalmente à visão do conteúdo absolutamente objetivo, observável e mensurável. O conteúdo é social e acumulado historicamente; perder sua historicidade é, incontestavelmente, perdê-lo. Não podemos nos deslumbrar com técnicas ou recursos didáticos mirabolantes, pois estes podem se converter no engodo da aprendizagem momentânea (mudança de comportamento?).

Então, o que fazer?

Entendemos que “a validade de um método decorre de sua eficácia em garantir o encontro do aluno com as matérias de ensino” e, da mesma forma, só é possível utilizar recursos didáticos que favoreçam o aluno no processo de apropriação crítica do conhecimento científico. Somente dessa forma os conteúdos escolares poderão constituir-se em requisito essencial para a compreensão da realidade e, conseqüentemente, servirão de norteadores da luta pelo exercício da cidadania e da emancipação humana.

Concluindo, gostaríamos de afirmar que, ao contrário dos idealistas, não acreditamos na mudança da sociedade pela via da educação, mas investimos na possibilidade de contribuir para que todos os homens tenham a oportunidade de compreender a realidade em que vivem, seu papel na sociedade e possam, como verdadeiros sujeitos históricos, construir seu caminho da melhor maneira que lhes for possível fazê-lo. Para que a escola assuma este papel é indispensável que “o professor exerça uma autoridade baseada no domínio da matéria e dos meios de ensino”, pois a autoridade sem o domínio do conteúdo se transforma em autoritarismo que, por sua vez, invalida a utilização de qualquer meio, técnica ou recurso didático.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo, Loyola, 1985.